



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 01

Luiza Erundina e a renovação na política

Branca Vianna: Eu virei uma pessoa adulta, e consciente do que acontecia no Brasil, na época da redemocratização. Na campanha pela anistia e pela volta dos exilados eu tinha 16 anos. Na campanha pelas eleições diretas para presidente eu tinha 21. Eu fui nas passeatas, acompanhei os avanços e os retrocessos. Na Constituinte de 1988 eu tinha 26, e votei para presidente pela primeira vez com 27 anos de idade. Eu cresci num momento em que a política institucional no Brasil voltou a funcionar, e parecia que ia dar tudo certo: e muita coisa deu certo mesmo. Eu acho que isso me formou como cidadã que acredita em política institucional, acredita que é preciso ter poder para mudar as coisas. A extrema-direita e outras forças conservadoras, apesar de se dizerem anti-política, entenderam muito bem que é pela política institucional que as suas pautas se impõem. Não adianta ficar gritando do lado de fora: tem que entrar. Então, eu fui conversar com uma mulher que entendeu isso há décadas, e foi atrás de conseguir poder para mudar o que ela considerava errado.

A conversa de estreia do Fio da Meada é com a deputada federal por São Paulo, Luiza Erundina. Ela foi vereadora, deputada estadual, prefeita de São Paulo, e está no sétimo mandato como deputada federal, aos 89 anos. Ela fala sobre o que ainda deixa ela animada na política, o que desanima ela, ela conta que este vai ser seu último mandato e fala, entre muitas outras coisas, da importância da renovação na política.

Branca Vianna: Então, o que eu queria hoje é, justamente, para começar a tentar entender o que é que te deixa animada, assim, na...? Porque você está fazendo isso há tanto tempo que a gente imagina que tem horas que você diz “ai meu deus do céu!”. Então, quando você acorda de manhã e diz assim: “Oba, hoje é dia de... X”. O que é esse X na política?

Luiza Erundina: Olha Branca, minha agenda é tão demandada que eu nem tenho tempo de escolher o que eu vou fazer cada dia. Evidente que a partir de um certo momento não tenho condições de atender a tudo isso, né? Mas, é uma agenda que por si só ela é envolvente. Ela me demanda muito.

Branca Vianna: Mas deve ter coisas que você gosta mais e coisas que você diz assim: “Bom, tudo bem, hoje eu tenho que fazer isso, mas eu detesto fazer isso. Não tenho mais paciência para fazer isso.” Ou então: “Hoje eu tenho que fazer aquilo, e aquilo é uma coisa que eu gosto de fazer”.

Luiza Erundina: O mais difícil no momento é o plenário da Câmara. Que é muito ruim, quer dizer, é muito desqualificado, não tem debate político, está piorando cada vez mais: tanto é que eu não fico muito no plenário, só chego na hora da votação. Eu fico mais trabalhando no gabinete e nas comissões. Nas comissões dá para você refletir, contribuir com as matérias que tramitam em cada comissão. As comissões das quais eu participo, ‘ela’ é muito ativa. Isso aí dá prazer e, a meu ver, dá para você contribuir em relação aos temas que tramitam lá pela Casa, portanto, pela Câmara dos Deputados. Tem piorado muito o nível de relação, sobretudo no plenário, e é isso que me desgosta, quer dizer, eu não acho que política seja isso. Não há debate político. A própria dinâmica que se adota atualmente, ela não tem espaço para diálogo político, entre parlamentares e entre bancadas. Não tem.

Branca Vianna: E antigamente, tinha?

Luiza Erundina: Tinha. Inclusive, tinha antes o “grande expediente”. O “grande expediente” era um espaço de 20 minutos que era sorteado e que, pelo uma ou duas vezes por semestre, você tinha aquele espaço para aprofundar um tema, para dialogar com os outros parlamentares e a discussão das matérias. Mas, o que eles definem, já, sobre a posição das

bancadas, sobre as matérias, não dá margem, porque já chega pronto, não tem diálogo, a não ser quando se quer estimular aquela briga, aquela desatenção entre eles. É muito ruim. A qualidade do trabalho parlamentar piorou muito. Eu estou lá no sétimo mandato e posso testemunhar que vem piorando, piorando a cada legislatura. Lamentavelmente, uma pauta não é distribuída previamente, nesse momento, porque antes teria que ser publicada 24 horas antes, para você inclusive se preparar. Mas, lamentavelmente, na atual legislatura, com [Arthur] Lira à frente dos trabalhos, você não tem ideia de quais são as matérias que vão entrar, porque ele fica discutindo com as lideranças os acertos que eles fazem sobre as matérias que devem entrar em pauta e, portanto, é de última hora que a matéria chega. Portanto, a gente não tem nem como se preparar para discutir o tema.

Branca Vianna: Uma coisa que eu já ouvi você dizer é que você acha que o povo é o quarto poder, né? O Executivo, o Legislativo, o Judiciário e o Poder Popular. E que então seria muito importante voltar às bases para valorizar esse poder popular. Mas hoje em dia, com essa dinâmica que você está descrevendo do Congresso, é possível isso?

Luiza Erundina: Não. Inclusive, eu acho que é o primeiro poder. Só que os partidos não atentam para isso, não têm essa compreensão. Portanto, o poder mais importante é o poder popular, inclusive para fiscalizar, para controlar, para influenciar, para marcar presença em certos momentos do trabalho parlamentar. E para isso a gente tem que fazer um trabalho educativo, de educação política permanente. De que as decisões de plenário, as decisões do parlamento, e mesmo do Executivo, repercutem sobre a vida dessas pessoas. Então eles têm que tentar interferir naquilo que se aprova ou desaprova no plenário e nas comissões da Câmara dos Deputados e do Senado, isso eu me refiro ao poder Legislativo Federal. Quando eu fui também deputada estadual, fui vereadora, é outra coisa, porque lá está mais perto do cidadão. O cidadão está mais perto dos seus representantes, e tem presença da população na casa parlamentar. E o parlamentar, por sua vez, tem muito mais condição de participação da sociedade organizada, e do próprio mandato contribuir para a organização popular. Esse poder se exercita. É esse um pouco o trabalho que me interessa muito e me mobiliza

muito. É tentar contribuir para a formação política dos cidadãos e das cidadãs em suas comunidades locais.

Branca Vianna: E formar lideranças, também?

Luiza Erundina: Exato. E que se percebam como Poder. E que se percebam com o poder, com o direito de cidadania. E, que ao ser um poder, ele tem que interferir no exercício dos outros poderes que decorrem dele. Ele é originário do poder. Partidos como os nossos têm que ter, entre outros objetivos, ao exercer mandatos: ajudar a construir o poder popular das comunidades locais, dos setores populares, da formação política, das lideranças. Pelo menos desde o primeiro partido ao qual eu pertencço, eu pertenci, e ajudei a fundar, que foi o Partido dos Trabalhadores [PT], isso existia muito fortemente.

Branca Vianna: De organização de base, né?

Luiza Erundina: Da presença dos mandatos e das lideranças junto às comunidades locais, discutindo os problemas locais e influenciando, inclusive, na participação e na formação das lideranças. E aí você qualifica o processo político, político eleitoral, inclusive partidário. Mas, hoje, há um total divórcio, inclusive nossos partidos. Nossos partidos, do campo democrático popular de esquerda, estão hoje muito distantes de suas bases. Quase que terminam só 'contatando' em períodos eleitorais, e acham que a escolha de alguém para que se exerça o mandato em seu nome lhe dá autonomia absoluta. E não, você tem que submeter suas decisões não só ao partido, através de sua bancada, mas também ouvindo a sociedade, ouvindo os setores populares, contribuindo na reflexão com ele. E aí você qualifica o processo político, seja representante proativo, seja com o exercício direto do poder, que é o poder popular.

Branca Vianna: Eu vi você dizendo uma vez que é um erro do Lula tentar fazer política "por cima", e que o mais interessante ou mais eficaz seria fazer política por baixo, pelas bases. Isso é possível ainda hoje em dia?

Luiza Erundina: É questão de determinação da cultura política. É que a de hoje é uma cultura política e se estende a todos os partidos. E o pior é que, muitas vezes, as lideranças locais, comunitárias, populares, terminam também sendo absorvidas pelos mandatos. Seja em gabinetes, seja em tarefas que os mandatos atribuem a esses, essas pessoas. Tem que haver uma interação maior, uma integração entre mandato e mandatários. Isso tem que ser um método de ação política, combinando a democracia direta com a democracia participativa.

Branca Vianna: Sim.

Luiza Erundina: Este trabalho, eu tenho mais interesse por ele.

Branca Vianna: Isso é o que você mais gosta de fazer?

Luiza Erundina: O que eu gosto de fazer. E tem impacto, inclusive daquilo que eu faço no parlamento.

Branca Vianna: Tem uma coisa que eu fico pensando, desse desinteresse das pessoas por política, esse divórcio entre o povo e os políticos, e eu tenho a impressão que talvez a imprensa tem um pouco esse papel. Porque política é coberta através de bastidores, não é cobertura de política pública, não é cobertura de pauta, não é cobertura dos problemas do país e das propostas que os políticos estão fazendo para resolver esses problemas. Na televisão, nos jornais, nas redes sociais, o que a gente ouve é isso: “Fulano que almoçou com beltrano fez um combinado aqui que aí vai levar emenda para não sei onde”. É difícil para os jornalistas, porque é assim que a política anda, mas teria alguma outra maneira de trazer as questões realmente que são importantes para os cidadãos? Como é que a gente vai se engajar? Porque eu não tô nem aí para quem almoçou com quem, entendeu?

Luiza Erundina: Eu imagino que os veículos de comunicação deveriam ter profissionais designados para acompanhar o funcionamento de algumas comissões, o funcionamento de uma pauta que esteja sendo discutida num determinado momento e, a partir daí, até influir. Porque a presença da imprensa, dos meios de comunicação, no debate político, influencia e evita

certas posições que não se tomam publicamente e ocorrem nos bastidores. O mercado, as pessoas que estão interessadas em políticas que tramitam no parlamento, têm seus técnicos e seus representantes assistindo às reuniões. As comissões permanentes, você logo percebe que tem representantes de empresa tal, de setor X, que estão lá, inclusive, barganhando com os parlamentares suas posições.

Branca Vianna: Defendendo suas posições, né?

Luiza Erundina: Ou pedindo explicações, sabe? Eu acho que a imprensa, para ter informação mais vivas, mais candentes, do dia a dia do parlamento, era acompanhar aquelas comissões cuja pauta sejam mais de interesse público. E esse veículo de comunicação captaria informações e até faria, ao mesmo tempo, hoje, com os veículos virtuais de comunicação instantânea, fazer no curso de um debate, numa comissão.

Branca Vianna: É, esse poder da imprensa mais antiga está sendo transferido para a internet, hoje em dia, como a gente está vendo. Como é que você, como política, se adapta a isso? Você tem um 'TikTok' muito animado, não sei se você vê seu próprio 'TikTok', mas você tem um 'TikTok' muito animado. Você entende a importância, tanto que a sua imagem está lá e tem uma presença forte, com muitos vídeos. A impressão que eu tenho é que a direita não só tomou conta das redes sociais, que são a maneira como as pessoas se comunicam, mas é na direita que surgem as lideranças jovens com as quais a gente vai ter que lidar por muitos e muitos anos, entendeu? Eu fico pensando nos meus filhos, vão ter que lidar com essas pessoas por décadas, que são pessoas jovens que estão surgindo agora e eu não vejo isso... eu não vejo isso na esquerda.

Luiza Erundina: Olha, Branca, eu tive que me converter ao entendimento de que nós não podemos ignorar a existência desses veículos. Temos que nos capacitar, inclusive, para usá-los na relação com a cidadania, com a sociedade, não obstante nas nossas idades, na minha em particular. No geral, eu tenho um bom profissional da área de comunicação, que também é militante, não partidário, mas é militante, identificado com as questões que caracterizam o mandato. Enfim. Então eu tenho melhorado. Eu já fui muito

mais afastada desses meios. Eu não entendia, nem priorizava, da importância que é isso no contato, e na formação política das novas gerações.

Branca Vianna: É.

Luiza Erundina: Porque eu tenho que dialogar com os jovens. Aliás, eu tenho uma relação muito fácil com os jovens. Não sei se é minha cara de avó, sei lá, sabe?

Branca Vianna: [Risos]

Luiza Erundina: Os jovens se dão bem comigo e eu com os jovens. Então isso me obriga a estar mais identificada com aquilo que para eles é mais importante. Então, eu tenho procurado melhorar. Não tô te dizendo que eu sou uma pessoa totalmente incapacitada para usar esses meios de forma pedagógica, inclusive, né?

Branca Vianna: Mas você não precisa ser, né? Quer dizer, se você entende que isso é importante, quer dizer, esse é o ar que a gente respira: não tem como dizer “não, não gosto, acho ruim”.

Luiza Erundina: Sem dúvida. E isso, a direita está muito mais avançada.

Branca Vianna: Pois é.

Luiza Erundina: Ao contrário que de nós, nós estamos muito atrasados.

Branca Vianna: Você até que não está, não. Você tá bem...

Luiza Erundina: Talvez até preconceito, sei lá, né?

Branca Vianna: É... é que não adianta, né?

Luiza Erundina: Aquela visão muito conceitual, teórica da política. Talvez a gente tem que estar mais ativa, mais atenta ao cotidiano das pessoas e,

particularmente, dos jovens. Quais são as questões que estão interessando? O que está atraindo o interesse e a atenção do jovem? A gente tem que pesquisar isso. Tem que se identificar com isso para não se distanciar mais ainda deles. Eu não quero que o jovem me veja com posições que ele desconheça ou descolada da realidade. E eu me preocupo também de contribuir para que os jovens se interessem pela política, percebam a importância e o impacto da política nas suas vidas, imaginando, inclusive, que eles serão os nossos sucessores, digamos assim. Que antes, quando tinha um movimento estudantil mais organizado, mais politizado, no bom sentido da politização, da participação na vida das comunidades locais, o jovem se politizava antes, se formava politicamente antes. Na vida estudantil, a própria política estudantil, ou então como trabalhador na política sindical, sabe? Ou nas comunidades locais, na luta pelos direitos sociais de cada comunidade. Os jovens, as pessoas se politizavam mais cedo, se formavam mais cedo, se envolviam mais cedo do que hoje. Então, onde é que eles estão? Eles estão nas redes sociais, que, por sua vez, não estão nem sempre acompanhando o dia a dia das comunidades, das pessoas. Enfim, eu me preocupo: minha posição, nessas questões pessoais e do mandato, de manter uma linha de absoluta coerência. Eu, é uma coisa que eu zelo muito, pela coerência.

Branca Vianna: É, e pela comunicação, então, né?

Luiza Erundina: Uma das virtudes mais importantes de uma liderança política é a coerência. Porque a coerência passa para o outro a verdade. E se ele não é coerente, ele nega a coerência como uma qualidade, um valor na política.

Branca Vianna: Eu tenho a impressão que...e eu queria saber de você, assim, como resolver isso? Porque eu sou uma pessoa... eu acredito em política institucional, sabe? Eu acho, assim, que a sociedade civil tem um papel fundamental, como você falou, de fiscalizar, de verificar, de propor pautas, de propor agendas que são importantes. Eu acho fundamental. Mas, tem que ter poder. E quem tem poder é quem está lá. É quem é eleito. Então, eu tenho a impressão que a sociedade civil progressista, de um modo geral, e os jovens, especialmente, se divorciaram da política institucional a ponto de

que as pessoas não querem se candidatar, não querem se eleger, ou não acham que é importante. Tem uma ONG, sei lá, de meio ambiente, então vai trabalhar na ONG de Meio Ambiente... tem um trabalho fundamental. Mas, precisa de alguém dessa área, de muitas pessoas, na verdade, dessa área, se elegendo, para que mude essa dinâmica, que você estava explicando pra gente, do Congresso. Então, como fazer com que as pessoas voltem a acreditar? Que eu acho que acreditavam antigamente. Especialmente, bom... eu tenho 62 anos, então eu vivi a redemocratização do Brasil quando eu era jovem ainda. Então, por isso, até, que eu tenha essa cabeça de acreditar na política institucional. Porque eu vi aquilo funcionando. Nas Diretas Já, na Constituição de 1988... Como fazer para que as pessoas entendam que, gostando ou não do que está acontecendo no Congresso, é lá que você tem que estar? No Executivo, e na câmara dos vereadores, na câmara estadual...

Luiza Erundina: Onde seus interesses estão sendo atendidos ou desatendidos.

Branca Vianna: É.

Luiza Erundina: E eu achei importante você colocar essa questão porque, por exemplo: o baixo nível de participação de certos segmentos. Mulheres e outros segmentos da sociedade. E que nem sempre atentam para a importância do poder, e o poder é necessário. Por que é que os direitos das mulheres é tão pouco atendido, esses direitos? Porque são menos mulheres ou poucas mulheres nos espaços de poder. Elas têm que gostar do poder. Acho que é um viés, de uma cultura enviesada, pelo fato de excluir segmentos da sociedade dos espaços de poder, seja o poder institucional, seja o poder na sociedade. *Sem poder você não muda.*

Branca Vianna: Pois é, sem poder não muda, tem que querer o poder.

Luiza Erundina: Se você quer mudar a realidade, seja no parlamento, seja nas organizações sociais, seja na sociedade como um todo, você tem que ter voz, você tem que ter espaço de expressão. Você tem que influir com as suas ideias, e você tem que se informar, você tem que ler. Eu acho que isso é um outro trabalho que a gente tem que fazer na sociedade, porque é inclusive

uma das razões pelas quais nós, mulheres, somos subrepresentadas. Nossa formação doméstica, na escola, na sociedade, nos espaços que a gente frequenta, não tem muito cuidado com essa preocupação, de que a mulher tem que ser detentora de poder.

Branca Vianna: É, mulheres negras, então, tem pouquíssimas. Tem que ter o poder, tem que querer o poder.

Luiza Erundina: É. Há uma deficiência de formação, de achar que o poder corrompe, que o poder é sempre ruim, que o poder é exercido sempre contra o interesse coletivo público. E não, o poder é necessário. Sem poder, você não muda a realidade. Então você precisa querer o poder, disputar o poder, conquistar o poder. Tem que transformar o exercício desse poder. Não pode exercê-lo da mesma forma, sabe? Interesseira, nem sempre ética, nem sempre transparente. Quer dizer, são as qualidades que devem informar o exercício do poder. E todo cidadão deve querer o poder, disputar e conquistar o poder.

Branca Vianna: Tem uma coisa que... eu já entrevistei algumas mulheres na política e um ponto comum que eu vejo em todas elas, e eu acho que não é o seu caso, que você entrou muito cedo, já com 25 anos. Mas, uma coisa que eu vejo é que a maioria delas, aliás, todas as com que eu já conversei, elas entraram na política por sugestão de outras pessoas. Então vem o partido, vem...

Luiza Erundina: O marido!

Branca Vianna: O marido, vem a área de onde a pessoa é, sei lá. Eu entrevistei a Kátia Abreu uma vez, por exemplo, foi uma entrevista muito divertida de fazer. Então, ela falou que foi a associação da qual ela era parte, que falou: “Ó, você é que tem que ser a candidata”. E a reação dela, e de todas as outras com quem eu já conversei é dizer: “Eu? Mas por que eu? Não, eu estou aqui, eu sou chefe dessa associação. É isso que eu quero fazer. Não, eu não, eu não posso”, e tal. E as pessoas insistindo, insistindo, e aí ela vai. Quer dizer, tem uma dificuldade grande, que é estrutural, porque a gente sabe que a vida da mulher na política é muito difícil. Sofre muita

violência, sofre muita agressão, sofre muito sexismo. A gente vê o que aconteceu com a presidente Dilma.

Luiza Erundina: Sim, sim.

Branca Vianna: As críticas que faziam a ela eram muito mais críticas sexistas do que políticas. Então tem uma dificuldade das mulheres de fazer isso, dizer assim: “Não, eu sou aqui, eu sou uma líder dessa área aqui, eu entendo muito bem desse assunto. Eu sei o que eu quero fazer aqui no meu bairro, na minha cidade, no meu estado, e eu quero me lançar”. Não, precisa ser... precisa ser um homem, ou um partido, ou alguém dizendo: “Vai!”.

Luiza Erundina: Aliás, viu, Branca, quando eu estava na prefeitura, um dos preconceitos contra mim era a preocupação de saber qual era o homem que mandava no meu governo.

Branca Vianna: [Risos de incredulidade].

Luiza Erundina: Porque eles achavam que não era eu que...[mandava].

Branca Vianna: Não conseguiam acreditar, né?.

Luiza Erundina: Não, não. Certas pessoas, certos setores, não acreditavam que eu desse conta, até por conta das minhas características. Eu era vítima de preconceito... “vítima”, né, não gosto muito da ideia de vítima.

Branca Vianna: É, eu também não.

Luiza Erundina: Era alvo de preconceito por ser mulher, por ser nordestina, por ser assistente social, viver na luta com a população mais carente, nas favelas, cortiços, enfrentando os conflitos.

Branca Vianna: Puxando os cordões.

Luiza Erundina: Nunca tinha tido uma mulher à frente dessa prefeitura. O poder não era só masculino, era de uma classe social, a classe dominante,

aquela classe, as classes...

Branca Vianna: E continua sendo, né?

Luiza Erundina: Continua sendo. Então, para eles foi um susto a minha vitória. Primeiro, eles não acreditavam que eu fosse dar conta. Acho que o meu próprio partido não acreditava.

Branca Vianna: É mesmo?

Luiza Erundina: Tanto é que foi uma disputa com um companheiro de partido, com o Plínio de Arruda Sampaio, numa prévia. Foi a primeira vez que um partido fez uma prévia, com dezenas de debates na periferia. Nos lucros daquele tempo, o PT tinha uma estrutura de base muito forte, muito ampla, muito intensa, muito ativa. Então nós disputamos em cada região da cidade, cada pedaço da cidade. Eu, o Plínio e outros candidatos de menor peso na disputa. Foi muito interessante.

Branca Vianna: É bom para todo mundo isso, inclusive, para você como candidata, né?

Luiza Erundina: É importante que a gente ocupe esses espaços que predominantemente é ocupado por homens, né? Para você dizer: “Não, eu também sei governar!”.

Branca Vianna: E para as outras pessoas poderem dizer: “Não, a Erundina é prefeita, está sendo uma ótima prefeita”...

Luiza Erundina: É lógico, é lógico!

Branca Vianna: ... “eu também posso ser candidata, também posso cumprir esse papel”, né?

Luiza Erundina: E elas têm, até, mais sensibilidade, mais capacidade de entendimento, de paciência. A índole feminina, né?

Branca Vianna: E têm. Você acha que você tem mais? Você acha que você tem mais paciência? Assim, mais capacidade de empatia?

Luiza Erundina: Não, eu ouço mais, talvez. Eu valorizo mais o que o outro tem a dizer, sobretudo tendo eu que decidir por último. Eu reunia o secretariado toda semana. Todas as questões que transitavam na minha mesa para eu decidir, eu discutia previamente com o secretariado. A proposta de fazer um governo radicalmente democrático implicava numa democracia interna. Não precisava impor questões que eram específicas de determinadas áreas sem antes submeter ao coletivo do colegiado de secretários, não que eles me dissessem como eu deveria decidir. Eu decidia com plena autonomia, mas depois de escutá-los e ouvi-los. Todos criticavam, chamando de 'democratismo'. Não! Porque...

Branca Vianna: "Democratismo"? [risos].

Luiza Erundina: É! E outra prefeita que teve na cidade, quando a gente cobrava democracia participativa, "Ah, mas demora muito, dá trabalho". Tudo bem, mas qualifica a decisão.

Branca Vianna: Democracia dá trabalho mesmo, né?

Luiza Erundina: Dá trabalho, mas também qualifica.

Branca Vianna: Claro.

Luiza Erundina: E eu nem sempre decidia o que a maioria do secretariado tinha definido. Mas eles me subsidiavam, seja que fosse a favor ou contra uma determinada questão, eu estava melhor informada, preparada para decidir e para ter segurança na minha decisão.

Branca Vianna: Porque é para isso que serve o secretariado.

Luiza Erundina: Acho que ela é mais educadora. Acho que a índole da mulher, do feminino, é mais educadora e, como tal, na própria política, a forma de ser, de ouvir, de valorizar o outro, entende? Eu acho que isso

contribui. Não é que não tenha mulheres também autoritárias, prepotentes, donas da verdade. Também tem. Porque são vieses de uma cultura dominadora, machista, patriarcal. E aqui a gente vem trazendo esse viés muitas vezes na nossa “deformação”, né?

Branca Vianna: A política que a Erundina — e a gente — vive é completamente diferente daquela que motivou ela anos atrás. Nessa segunda parte da conversa a gente fala sobre isso: sobre o futuro da política e sobre quem vai tocar a política do futuro.

Branca Vianna: Você estava falando de tudo o que tem em você que as pessoas têm preconceito. Que é nordestina, que é mulher e tal. E agora tem mais um, que é...

Luiza Erundina: O idoso.

Branca Vianna: Exatamente. Essa questão da idade vem muito à tona hoje em dia por causa da eleição americana, também, né? Por causa do Biden, que acabou saindo e dando lugar a uma candidata mais jovem, mas também por causa da idade do Lula, que quando... nas próximas eleições ele vai ter acho que 80 anos. Então é uma discussão que entra aqui no Brasil também. O que é que você acha? No caso de...no caso de um presidente, que é um cargo muito difícil, assim, é um cargo que exige muito, muito da pessoa. O que você acha dessa discussão do Biden, do Lula, de se eles devem ou podem se candidatar?

Luiza Erundina: Depende do que cada uma dessas pessoas, como se encontram nesse seu momento, sabe? Seja no caso do Lula ou seja no caso do Joe Biden, o Biden estava realmente debilitado.

Branca Vianna: Parecia mesmo, é.

Luiza Erundina: Mas se a pessoa está lúcida, está inteira, motivada e mobilizada... Não é a questão do número de anos que tornam uma pessoa mais ativa ou menos ativa. Claro que eu não estou dizendo que eu não tenho limites, mas não sou....

Branca Vianna: Não parece ter muitos não, viu? Não estou vendo muitos, não. Não está parecendo ter muitos limites, não.

Luiza Erundina: [Risos].

Branca Vianna: [Risos].

Luiza Erundina: Então. Então não dá para... quer dizer, por que é que ainda hoje eu estou no mandato? Será o último, evidentemente.

Branca Vianna: É?

Luiza Erundina: Porque eu sinto que ainda há uma demanda da sociedade para que eu continue nesse espaço. As pessoas que sempre votaram em mim e com quem eu luto... a última eleição eu não ia, eu não queria mais participar. Mas, as pessoas dizem: “Olha, precisa continuar para dar conta de tal coisa”, porque eu tenho um engajamento muito grande pelos movimentos das famílias que perderam os seus entes queridos na ditadura, nos direitos humanos, direitos... enfim. Então as pessoas dizem: “Você tem que ficar porque tem tal projeto, tal coisa”. Então há uma demanda. Quando você se sente demandada a permanecer numa tarefa, e se acha em condições de exercê-la plenamente, não tem porque sair.

Branca Vianna: Não tem porque, não, é. E no caso do Executivo no Brasil, quando é que é a hora de formar uma nova liderança, de procurar novas lideranças?

Luiza Erundina: Sempre é necessário. Sempre.

Branca Vianna: No caso do PT?

Luiza Erundina: Não é para chegar a todo mundo ficar velho para poder vir jovem. Não. Ao contrário, eu acho que desde o primeiro momento os jovens têm que ter chances de conhecer a política, de se apaixonar por ela. No meu tempo, a gente se apaixonava pela política, na perspectiva de mudar a

realidade. A gente era idealista? Era e é. E eu sou idealista.

Branca Vianna: É.

Luiza Erundina: O que é que me mantém ativa, animada, mobilizada? É o sonho. E para ser sonho, não cabe numa vida de 90 anos, que é a que eu tenho. Eu sonho...

Branca Vianna: Tem que ter, tem que ter os jovens...

Luiza Erundina: Os jovens também sonhando.

Branca Vianna: E como faz para formar? Quer dizer, no campo progressista, de modo geral, mais do que na esquerda, parece ter pouca renovação. A gente não vê pessoas jovens, jovens mesmo, que eu digo não, jovens, quer dizer o Haddad é mais jovem que o Lula, mas...

Luiza Erundina: Porque, lamentavelmente, a política não mobiliza mais o jovem.

Branca Vianna: Mas mobiliza os jovens de direita.

Luiza Erundina: É porque eles já têm um interesse de classe, que interessa aquilo que a direita defende.

Branca Vianna: É que deveria ter um interesse de classe na esquerda também, né?

Luiza Erundina: O jovem que em algum momento teve contato com a política numa concepção de esquerda, não vai ser cooptado pela direita. O jovem em geral, ele é idealista. O jovem quer coisas grandes, quer sonhos grandes.

Branca Vianna: Mas cadê esses jovens na política progressista?

Luiza Erundina: Pois é, porque nós, lamentavelmente, no nosso exemplo, os exemplos de políticos, das lideranças políticas, não cativa ninguém. Eu entrava falando de como se dá o trabalho no Congresso. Os jovens, olhando aquilo lá, vai se animar? Vai sonhar fazer aquilo, vai achar que aquilo vai promovê-lo para ser uma pessoa...

Branca Vianna: Vai achar que não tem resultado, né?

Luiza Erundina: É, o jovem está atraído por desafios, ele tem que querer ousar. Isso parte desde a família, da escola. O mundo estudantil formou muita gente naquele tempo.

Branca Vianna: Tem uma questão de dar espaço?

Luiza Erundina: O movimento sindical, por sua vez, formou seus membros. Hoje não. A sociedade está desmobilizada.

Branca Vianna: Sim, é. Mas não a direita, não a direita. Então quer dizer, a direita consegue...

Luiza Erundina: A direita a partir de um certo momento, né?

Branca Vianna: É, de agora.

Luiza Erundina: Esse fenômeno aí da...

Branca Vianna: De coisa de...

Luiza Erundina: Desde 2013.

Branca Vianna: Exatamente. Desde 2013.

Luiza Erundina: Um marco de um retrocesso institucional e político, foi 2013. Não pela onda que ocorreu, a despolitização, daquela onda de um mês, multidões na rua, mas sem uma bandeira política, sem uma pauta política, sabe? Isso era massa, e massa não muda nada, nem forma ninguém,

entendeu? Mas a partir daquilo lá veio o impeachment da Dilma...

Branca Vianna: O Bolsonaro...

Luiza Erundina: O Bolsonaro... é até hoje o que nós estamos vivendo.

Branca Vianna: Isso de você ser chamada... outro dia eu vi você sendo chamada de patrimônio nacional. Isso... como você se sente, assim?

Luiza Erundina: Não... eu não acho que é isso. Talvez eu... eu devo ter precedido mais gente da minha classe social. Eu como classe social e eu como gênero, como mulher e da minha idade também. Não, não é falsa modéstia, não.. Eu não acho que é isso. Eu fui uma pessoa que, no tempo, fui antes, e tive que enfrentar todos os desafios, os enormes desafios. E também a minha formação pessoal como pessoa, como cidadã, com a minha origem de classe, me formou também. Eu sou o que eu sou hoje. Eu fui o que eu tenho sido em tudo o que eu faço, seja na minha vida profissional, seja na minha vida política, pela minha origem de classe, me marcou profundamente. Eu muito, muito juvenzinha, muito jovem mesmo, adolescente, sofrendo as migrações por conta de seca, eu muito criança das piores condições, como relata Graciliano Ramos no Vidas Secas. Era aquilo. Eu, muito criança, cinco aninhos, os adultos iam a pé. As crianças iam nos caçuzás, montados assim em cima de animais. Um calor, um sol de seca no Nordeste.

Branca Vianna: E você ia pequenininha no caçuzá, assim?

Luiza Erundina: Na região árida, né? Eu me lembro. E a consciência de que os meus pais estavam preocupados, estavam sofrendo, estavam aflitos, sabe? E a criança já percebe isso. Eu me lembro que eu, bem criança, eu já me segurava para não chorar, para que eles não me vissem chorando. Te juro, não é a virtude: as circunstâncias de vida me formaram para isso. E isso eu também traduzo para tudo, por exemplo: a primeira ruptura que eu fiz na minha vida foi não ter me casado. Porque, na minha geração, a mulher casava muito cedo e reproduzia aquele modelo de família numerosa, muito pobre, excluída do bem principal que é a terra, numa região árida, que não tinha água ou tinha água, mas não era dividida a água. Que os açudes das

terras, dos proprietários de terra, construídos pelos camponeses sem terra, em época de seca, mão de obra barata - para ele não morrer de fome - e construía os açudes na terra, dos ricos, dos latifundiários. Então tudo isso me formou ao ponto de eu dizer: “Eu não quero reproduzir esse modelo”. Então, por tudo isso, eu me formei e me formei a tal ponto que eu provavelmente tenho dado conta dos momentos da minha trajetória, por conta dessa formação que eu tive. A vida me formou.

Branca Vianna: E como foi que você fez isso lá atrás? Eu digo lá atrás, quando você era adolescente.

Luiza Erundina: Eu me pergunto, eu me pergunto a mim mesma.

Branca Vianna: Foi uma decisão, assim? “Eu não vou fazer”...

Luiza Erundina: Eu queria estudar. Eu queria estudar. Primeiro, eu me dei conta, muito precocemente, que havia algumas famílias na cidade que não precisavam migrar, mas a imensa maioria, inclusive a minha, tinha que... começou o mês de março, que é o Dia de São José, 19 de março - a religiosidade era muito forte na nossa formação - que é o Dia de São José, que é o padroeiro dos nordestinos que precisam de chuva. E se não chovesse até 19 de março, se dava de barato que não viria mais a chuva. Eu queria estudar. Agora eu vejo... eu me pergunto, Branca, a mim mesma o que é que me fazia entender aquilo naquela idade, 12, 13 anos?

Branca Vianna: Tão cedinho assim?

Luiza Erundina: Eu tinha que estudar. Por exemplo, eu fiz o curso primário de cinco anos, que era o que tinha de ensino na minha cidade, o grupo escolar. Eu terminei os cinco anos e eu teria que ir para uma outra cidade para fazer o exame de admissão para poder entrar no ginásial, porque não tinha ginásial na minha cidade. Aí eu pedi à minha diretora que me permitisse repetir o quinto ano, porque eu não queria perder o vínculo com a escola. Agora, eu me pergunto: o que é que, uma menina de 12 anos, que era eu, e tinha tanta vontade de estudar dessa forma, ao ponto de fazer isso, eu me pergunto... não tem explicação. Então, eu queria estudar porque para mim o

estudo era a saída, o caminho que eu teria para romper com aquele... com aquele padrão de vida, de família, de condição de vida.

Branca Vianna: Você já tinha percebido, então, nessa idade, que se você casasse, tivesse um monte de filhos, que você não ia poder estudar. Então, nessa idade, você percebeu isso?

Luiza Erundina: Por que que eu estou recorrendo a esse momento da minha vida? Porque foi determinante.

Branca Vianna: Sim.

Luiza Erundina: Foi determinante para a minha forma de ser. Eu queria fazer Medicina. Minha vocação...

Branca Vianna: Ah, olha só!

Luiza Erundina: Minha opção, era para medicina. Quando terminei o curso ginasial...

Branca Vianna: Que aí você foi para outra cidade?

Luiza Erundina: Com a ajuda de uma tia, que também era pobre, como a minha família. Viúva, de 30 e poucos anos, o esposo faleceu... uma filharada e tinha a filha mais velha, que era professora, inclusive era minha madrinha de batismo e era essa professora que trabalhava, e minha tia, costureira. Era as duas que seguravam as pontas para alimentar as bocas da família dela, e me levou mais uma boca para a pouca comida que tinha na casa dela.

Branca Vianna: Você foi morar com ela?

Luiza Erundina: Fui morar com ela. Aí meu pai disse: "Você vai para casa da sua tia. Se chover, você fica o ano todo, se não chover, quando forem as férias do meio do ano, você vem e fica em casa".

Branca Vianna: Por que? Por que chover e não chover?

Luiza Erundina: Eu me lembro como eu rezava para que viesse chover. Porque com chuva ele tinha trabalho.

Branca Vianna: Ah, ele tinha trabalho... e se não chovesse você tinha que voltar para ajudar?

Luiza Erundina: Voltar para casa, não só para ajudar, mas porque a pouca despesa que eu tinha de estar lá, embora na casa da minha tia, não comportava no orçamento familiar.

Branca Vianna: E choveu?

Luiza Erundina: Choveu. Aí eu trouxe minha mãe para a cidade. Meu pai ficou trabalhando onde a gente morava, e veio minha mãe com as minhas irmãs para poder estudar, poder fazer o curso ginásial. E pelo menos elas chegam a fazer o curso ginásial. Aí eu fiz o colegial e suspendi, porque eu não podia ir para João Pessoa fazer o vestibular de medicina, embora lá tivesse inclusive curso de medicina pública. Faculdade pública. Aí, foi nove anos sem estudar. Aí eu retomei, depois que as minhas irmãs já tinham feito o ginásial, as três, e eu já estava na luta pela reforma agrária, né? O trabalho com os camponeses, ligado à Pastoral da Terra. E aí eu fui fazer Serviço Social. E aí eu tive que ajudar a fundar uma faculdade de Serviço Social em Campina Grande, junto com uma religiosa cujo colégio trabalhava lá com ela também. E eu comecei o curso superior nessa mesma faculdade que eu ajudei a fundar. Tive que sair da Paraíba por causa da perseguição da ditadura, porque eu trabalhava com os camponeses, e porque eu tive... nesse trabalho, na luta pela reforma agrária, eu fui perseguida pela ditadura. E aí tive que sair de lá para não ser envolvida, e...

Branca Vianna: E foi assim que você veio parar em São Paulo?

Luiza Erundina: É, vim para São Paulo.

Branca Vianna: Tem uma última pergunta, juro. Pelo que eu entendo, a

religião tem um papel muito importante na sua vida. Qual é o papel da religião? Você é católica.

Luiza Erundina: Eu fui, na época, da Ação Católica, que era “Igreja, Fé e Política”, em que a política era um pressuposto da fé. Não havia fé sem política. Época de Dom Hélder Câmara...

Branca Vianna: *Não havia fé sem política.* Essa é uma frase...

Luiza Erundina: ...José Maria Filho, Dom Paulo Evaristo Arns, em que a política era um pressuposto da fé.

Branca Vianna: Me explica isso? Essa frase que você falou, porque me parece uma ideia que hoje em dia seria revolucionária, a ideia de que não há fé sem política.

Luiza Erundina: Sim! Eu só me identifico com o Deus, o Deus Jesus Cristo que transformou o tempo Dele, que foi perseguido pelo poder institucional da época. O ideário de Cristo, de Jesus, a origem Dele, como Ele formou seus apóstolos, seus discípulos, como Ele convivia com as comunidades locais. Aquilo é a fé e a política. Jesus era uma grande liderança política. E ele revolucionou seu tempo. Dois mil anos e ainda vivem tendo as suas ideias como referência. Isso é muita liderança. Isso é muito carisma. E hoje é a mesma coisa.

Branca Vianna: E você vai à igreja, você frequenta a igreja, vai à missa?

Luiza Erundina: Eu deveria ir mais do que eu vou, né?

Branca Vianna: Não tem tempo também, né? Fazendo campanha para todo mundo.

Luiza Erundina: Não tem aquela obrigação, sabe? De que todo domingo, estar na igreja...

Branca Vianna: Mas de vez em quando vai.

Luiza Erundina: Eu sinto falta. Eu sinto falta, se eu não rezo. Não é que eu vou rezar um terço, como eu rezava antes, porque não tem nem tempo mais de rezar um terço.

Branca Vianna: Imagino... [risos]

Luiza Erundina: Rezo menos, mas profundamente. Quem sabe compensa. Porque a fé, é isso, é você viver o teu dia a dia. E a fé baseada exatamente na fraternidade, no sentido do amor, da compreensão, do respeito ao outro, da valorização do outro. Eu acho que eu fui perfeita diferente também por conta disso. Nas relações minhas internas ao governo e externas, na relação com o povo, esses valores estiveram presentes também. Acredito que sim. Não é uma coisa, assim “eu vou fazer isso”, é espontâneo, sabe? É da minha natureza, digamos assim. É da minha natureza.

Branca Vianna: Que maravilha! Bom, a melhor maneira de concluir a entrevista. Muito obrigada!

Luiza Erundina: Obrigada você!

Branca Vianna: Esse foi o Fio da Meada. Obrigada por ouvir.

No site da Rádio Novelo você pode encontrar a transcrição do episódio. E se você quiser saber mais sobre o podcast, a gente tá no Instagram e no Threads no @radionovelo. Dá pra acompanhar a gente também no Bluesky, no @radionovelo.com.br. E segue o Fio da Meada no Spotify para não perder nenhum episódio. Também estamos disponíveis nos outros aplicativos de áudio. Tem episódio novo toda segunda-feira.

A coordenação e produção são da Évelin Argenta.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux.

A direção executiva é da Marcela Casaca.

A edição executiva é da Natália Silva.

A gerência de produto é da Juliana Jaeger.

A montagem desse episódio é da Luiza Silvestrini.

A sonorização e mixagem são da Júlia Matos.

A captação de áudio em São Paulo foi do Pedro Leme, do estúdio Trampolim.

A música original é da Luna França.

O apoio de produção é do Vitor Hugo Brandalise, da Bia Guimarães, da Sarah Azoubel, da Carol Pires, da Bárbara Rubira, da Carolina Moraes, da Ashiley Calvo e da Isabel de Santana.

O desenvolvimento de produto e audiência é da Bia Ribeiro.

A identidade visual é da Natasha Gompers.

A coordenação de ilustração e design é do Gustavo Nascimento.

A coordenação executiva é da Lara Martins.

E a análise administrativa e financeira é da Thainá Nogueira.